



## ALTERMUNDIALISMO E ATUALIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE REVOLUCIONÁRIA

Flávio Bezerra de Farias<sup>1</sup>  
Roberto Leher<sup>2</sup>  
Thomas Coutrot<sup>3</sup>

### PROPOSTA DA MESA TEMÁTICA COORDENADA

Somente uma práxis consciente poderia explicitar a experiência real que o mundo faz consigo mesmo no quadro situado para além do fordismo e na globalização. Nesta grande transformação social e histórica, importa fazer um balanço crítico dos movimentos altermundialistas e elaborar antecipações concretas que contribuam para as lutas reais contra as diversas opressões classistas (dominação, exploração e humilhação). Os representantes de movimentos altermundialistas serão convidados, atraídos e estimulados a participar de um debate em torno da subjetividade revolucionária (sejam as tendências e as latências, sejam o proletariado e a multidão) no momento em que o capitalismo global ampliou e aprofundou a sua crise.

Dentre as associações ativas do ponto de vista das experiências altermundialistas está a *Association pour la Taxaction des Transactions Financières et pour l'Action Citoyenne – ATTAC France*, que fundada em 1998, se pretende uma rede altermundialista, nacional, europeia e internacional de educação popular no sentido da ação concreta contra as intervenções nefastas da financeirização capitalista. Com sede na França, a ATTAC encontra-se ativamente presente hoje em 40 países sustentando o lema “um outro mundo é possível”, bem como a taxação global das transações financeiras com fins de preservação e de garantia a todos, dos bens comuns da humanidade (água, saúde, educação,...).

Outra associação que se destaca dentre as que se situam nesta perspectiva de debate e ação altermundialista é a Associação Brasileira de ONGs – ABONG. Com envolvimento na última edição do Fórum Social Mundial na Tunísia, a ABONG é uma das organizações, assim como a ATTAC France, que compõe o Conselho Internacional atuante na concepção dos fóruns sociais mundiais. Com 250 organizações das cinco regiões do Brasil integradas à sua base associativa, posicionadas em torno de diferentes questões, a ABONG enquanto coletivo maior converge para a defesa dos direitos e bens comuns, com forte apelo local pela justiça e pela consolidação da democracia sempre ameaçada pela corrupção, contra a desigualdade e exclusão.

Desta forma, espera-se a partir da participação de representantes dessas associações em particular, fomentar o debate em torno da percepção dos sujeitos em luta contra as diversas manifestações da opressão, e da mesma maneira, apresentando o balanço das ações propaladas por essas associações contra os efeitos do processo de globalização neoliberal e de mais uma crise do capitalismo com destaque ainda para a compreensão das perspectivas em jogo com fins de superação do estado de coisas presente, no sentido da divisa sustentada pelas experiências altermundialistas “um outro mundo é possível” e conseqüentemente da emancipação humana.

<sup>1</sup> Doutor. Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: flaviobezerradefarias@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: leher.roberto@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor. Membro da ATTAC France. E-mail: thomas.coutrot@travail.gouv.fr



## ATUALIZAÇÃO DAS FIGURAS DA SUBJETIVIDADE REVOLUCIONÁRIA: proletariado *versus* multidão

Flávio Bezerra de Farias<sup>1</sup>

Juliana Carvalho Miranda Teixeira<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente texto examina a subjetividade revolucionária em autores diversos e situações históricas distintas. Na pós-modernidade, o marxismo e o negrismo partem de Spinoza para representar o proletariado como uma totalidade concreta, no primeiro caso; e, no segundo, a multidão como uma totalidade abstrata.

**PALAVRAS-CHAVE:** Subjetividade revolucionária. Proletariado. Multidão.

**ABSTRACT:** This paper examines the revolutionary subjectivity in different authors and historical situations. In Postmodernity, Marxism and Negrism depart from Spinoza to represent the proletariat as a concrete totality, in the first case, and in the second, the multitude as an abstract totality.

**KEYWORDS:** Revolutionary subjectivity. Proletariat. Multitude.

<sup>1</sup> Doutor. Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: flaviobezerradefarias@gmail.com.

<sup>2</sup> Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Maranhão (UFMA) / Université Paris 8, juliana.cmt@gmail.com.



## 1 INTRODUÇÃO

Somente uma práxis consciente poderia explicitar a experiência real que o mundo faz consigo mesmo no quadro situado para além do fordismo e na era da globalização. No decorrer desta grande transformação social e histórica, importa fazer um balanço analítico crítico dos movimentos altermundialistas e elaborar antecipações concretas que contribuam para as lutas reais contra as diversas opressões classistas (dominação, exploração e humilhação).

Componentes de movimentos altermundialistas estão convocados, atraídos e estimulados a participar de um debate em torno da subjetividade revolucionária (sejam as tendências e as latências, sejam o proletariado marxista e a multidão negrista) no momento em que se vê ampliada e aprofundada mais uma crise do capitalismo global.

## 2 DETERMINAÇÃO DA SUBJETIVIDADE REVOLUCIONÁRIA

Para além dos *tempos líquidos* (BAUMAN, 2007) e das *antinomias* pós-modernas (JAMESON, 1997), com a crise global do capitalismo do início do século XXI, a subjetividade revolucionária deve se atualizar sob uma forma capaz de ser apreendida, com referências, delimitações, dimensões e apoios que lhe permitam uma consciente retomada de fôlego e vigor nas lutas emancipatórias.

A subjetividade revolucionária escapa da fluidez e da polaridade reificadas para se tornar uma “figuração processual” que, em vez de se opor ao fluxo dinâmico, “é o signo de que este fluxo desemboca sobre alguma coisa: sobre algo progressivamente *determinado*” – pois, tanto as figuras, quanto seu conceito “continuam a se modificar em formas sempre novas pela simples razão de que são ainda muito pouco determinadas. Sua determinação não se bloqueia de maneira alguma, mas as revela exatamente superando-as, abrindo-as para o futuro delas mesmas” (BLOCH, 1981, pp. 143-144).

Sobre o que será determinado, Spinoza avançou um princípio dialético decisivo seja em abordagens marxistas (MARX, 1976, L. 1, p. 671, nota 33), seja em



abordagens estruturalistas (NEGRI, 1982, p. 135; NEGRI, 2010, p. 9 et seq.) da subjetividade revolucionária, a saber: *omnis determinatio est negatio*. Vale ressaltar que a ontologia spinozista é profundamente marcada pela ideia da multiplicidade. O indivíduo é uma composição de múltiplos elementos. Desta forma, as multiplicidades, os distintos indivíduos estão aptos a estabelecer o sujeito político, já que o múltiplo está na origem de todas as coisas. Cada coisa é composta de uma multiplicidade determinada e participa de tantas outras formas múltiplas de organização (TEIXEIRA, 2011, pp. 44-45). Para Spinoza,

no atinente a esta ideia de que a figura é uma negação, mas não alguma coisa de positivo, é evidente que a pura matéria considerada como indefinida não pode ter figura e que só há figura em corpos finitos e limitados. Portanto, quem diz perceber uma figura mostra com isto somente que concebe uma coisa limitada e de que maneira ela o é. Esta determinação, pois, não pertence à coisa enquanto tal, mais, ao contrário, indica a partir de onde a coisa não é. A figura, então, não é nada mais do que uma delimitação e, toda delimitação sendo uma negação, a figura não pode ser, como eu disse, nada mais do que uma negação (SPINOZA, 2007, pp. 283-284).

A dialética marxiana, parte desta ideia spinoziana para mostrar que os proletários não se unificam, *a priori*, como força de trabalho da população ativa, mas também se diversificam como membros de uma imensa superpopulação relativa, conforme será mostrado a seguir.

## 2.1 Proletariado: a subjetividade revolucionária marxista

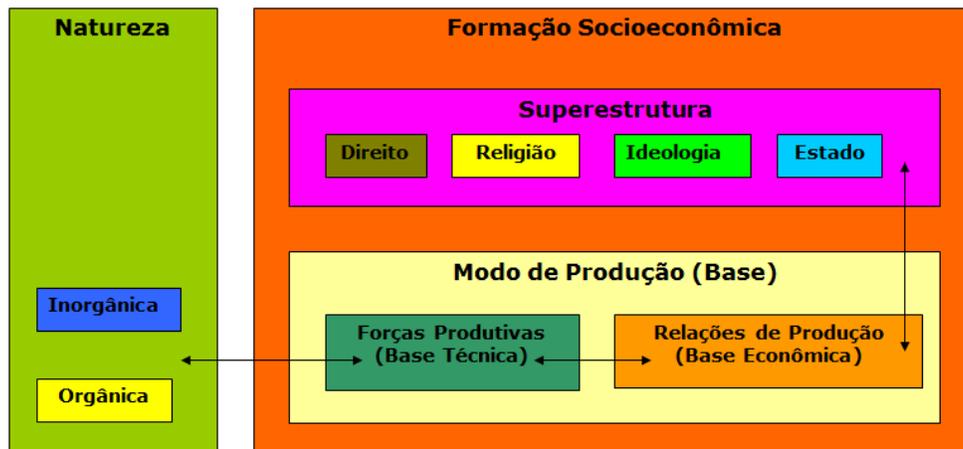
A elaboração da subjetividade revolucionária própria à abordagem marxista teve como ponto de partida efetivo a população, “representação caótica”, abstração que se obtém quando se despreza as “classes que a compõem”. Como decorrência mesmo da aplicação do método da economia política, dos “conceitos cada vez mais simples” restituiu a população “com uma rica totalidade de determinações e relações diversas” (MARX, 1982, p. 14).

As abstrações procedidas por Marx teve como fundamento, tal como salientado anteriormente, o princípio dialético spinozista “determinar é negar”, perceptível no concreto pensado da figura do proletariado enquanto unidade que revela as diversas

condições do ser social no seio de uma configuração socioeconômica particular. Na “busca das figuras da ordem objetiva,” as categorias “não se contentam, então, de reproduzir, de refletir, mas, elas próprias, fazem evoluir suas formas de maneira objetiva.” (BLOCH, 1981, p. 154).

O ser, segundo as elaborações de Marx (1982), distingue-se em três grandes tipos, a saber, a natureza inorgânica, a natureza orgânica e a sociedade, conforme a figura a seguir:

Figura 1 – Figuração processual marxista da formação socioeconômica.



Fonte: Marx, 1982; Farias, 1988.

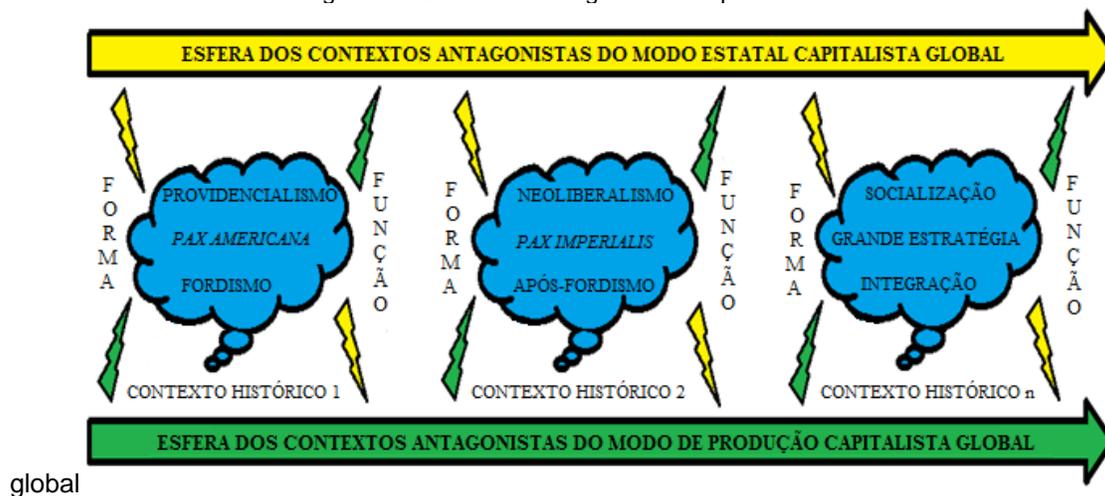
Lukács (2009, p. 39) sublinhou que a coexistência destes três grandes tipos de ser, com suas “interações e diferenças essenciais”, torna-se uma referência “tão imutável de todo ser que nenhum conhecimento do mundo que se desdobre neste terreno, nenhum conhecimento de si do homem seriam possíveis se não se reconhecesse como primordial um fundamento tão variado”, servindo de base para uma práxis consciente.

Neste contexto, a particularização dos seres da natureza orgânica e inorgânica determina o seu outro, a saber: o ser social como forma de existência distinta, que se totaliza contraditória e concretamente numa formação socioeconômica. Nesta, a dinâmica da *base econômica* é o quadro no qual atua a *lei geral da acumulação capitalista*, que rege a figuração processual do conjunto e dos subconjuntos da *força de trabalho ativa e da superpopulação relativa* (MARX, 1976, L. 1, cap. 25). Trata-se de

arquétipos que se reproduzem aparentemente sem mudança, mas não permanecem de maneira alguma prisioneiros do passado[...] É precisamente o fato que se possa falar deles como de um gênero que permite apreender a passagem dos arquétipos às categorias autênticas deste gênero, ou mais precisamente sua revelação nelas – um desvendar incontestavelmente carregado de um conteúdo que não tem nada de comum com conceitos gerais puramente formalistas (BLOCH, 1981, p. 152).

Os subconjuntos da força de trabalho são historicamente determinados e figurados como “o múltiplo de um mesmo” (BLOCH, 1981, p. 159), em que o específico está numericamente determinado por subconjuntos que o unificam e, deste modo, o resumem; o conjunto da força de trabalho aparece no tempo e no espaço, encerrando a multiplicidade e tolerando no seu quadro as diferenças (ibidem). Por outro lado, considera-se que a dominação estatal do homem pelo homem na era da globalização poderia ser expressa na figura seguinte:

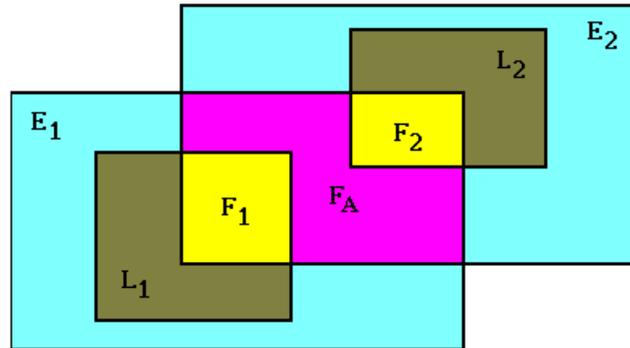
Figura 2 – O modo estatal global e o imperialismo



Fonte: Farias, 2013a,b

Na esfera destes contextos historicamente determinados, considera-se, também, que tanto a exploração quanto a humilhação do homem pelo homem determinam a unidade e a diversidade do proletariado expressa na figura a seguir:

Figura 3 – Unidade e diversidade do proletariado.



Legend a	Assalariados	Superpopulação relativa		
	$F_1 + F_2 + F_A$	Flutuante = $F_1 + F_2$	Latente = $L_1 + L_2$	Estagnante = $E_1 + E_2$
Fontes	MARX (1976) e FARIAS (1988).			

Nesta figuração processual, as diversas condições do proletariado foram determinadas por intermédio da negação, referenciada no núcleo em que se encontra a força de trabalho ativa. O proletariado exprime-se em conjunto e subconjuntos da força de trabalho, cujas condições de unidade e diversidade dependem da dinâmica da acumulação do capital. As cores representam as particularidades das condições de fluante, latente e estagnante. Enquanto que os índices 1 e 2 apontam para determinadas especificidades, polarizadas em termos de diferenças quanto ao sexo, a idade, a raça dentre outras variáveis que expressam a condição própria da superpopulação discriminada relativamente ao proletariado ativo.

Assim, a superpopulação na forma fluante corresponde hoje à condição dos assalariados que se ajustam aos contratos com duração determinada ou provisórios, entrecortados por breves períodos sem trabalho. A superpopulação latente constitui a imensa parte do exército de reserva, imediatamente atraída pelo capital desde que seja necessário. Corresponde hoje à fração de desempregados à espera de trabalho e imediatamente empregáveis. A terceira categoria da superpopulação relativa, a estagnante, se situa às margens externas do exército de reserva, e é composta de trabalhadores que possuem poucas chances de serem recrutados pelo capital (seja pela idade, qualificação entre outros fatores limitantes). Quando empregados, são os mais



desqualificados e mal pagos. A análise concreta desta figuração processual situada no tempo e no espaço evidencia que, na grande transformação social e histórica atual, a opressão classista se amplia, mas com mudança qualitativa, assumindo novas formas.

As figuras referenciadas na abordagem crítica e revolucionária marxiana “não poderiam ser pensadas e só são, além do mais, possíveis realmente no quadro de um processo que as transforme, as empurre mais longe e que é ele próprio utópico e aberto.” (BLOCH, 1981, p. 164). Para superar o capitalismo global por intermédio do socialismo, no contexto da *utopia concreta* do comunismo, “figuras processuais dialéticas se evadem delas próprias, pertencem ao processo como figuras de tensão, figuras de tendências.” (Ibidem, p. 158).

## 2.2 A Multidão: subjetividade revolucionária negrista

A tentativa de atualização mais recente da subjetividade revolucionária, bem como do momento histórico atual, foi feita por Negri em parceria com Michael Hardt (2000; 2004). Mas já no início dos anos 1980, Negri (1982) esboçou as primeiras linhas da teoria em torno da “figura do sujeito político da constituição democrática” pós-moderna – a multidão – de inspiração também spinoziana, superando assim, e em parte, o apego teórico à figura do operário-massa, ora saudada pelo *obreirismo* italiano do pós-1968.

Ao proclamar a pós-modernidade de bem-aventurança, Negri e os seus desprezaram, como os demais pós-modernos, a premissa da sociedade dividida em classes e a luta de classes foi reduzida ao esquema dicotômico-antinômico da multidão *versus* o Império pós-moderno.

A multidão de singularidades ora subsumida pelo Império manifesta duas maneiras de “ser-multidão” (NEGRI, 2010, p. 111 et seq.). A primeira é o próprio “*ser-multidão*” e refere-se à relação entre as singularidades que a constituem; a segunda é caracterizada pelo “*fazer-multidão*”, “[...] processo material e coletivo dirigido pela *paixão comum* [...]” (ibidem, p. 112). Em outros termos, é o movimento da *multidão contra* quando ela é “[...] aprisionada e transformada no corpo do capital global, ela é tomada no



processo de globalização capitalista e se opõe” (HARDT, NEGRI, 2004, p. 127), enquanto *multidão a favor do reino do comum* (ibidem, p. 99 et seq.).

Ainda, neste mesmo movimento teríamos antagonicamente, sem mediação alguma os dois referidos polos, Império e multidão, com configurações que se diferenciam à medida que a multidão – “alternativa vivaz que cresce no seio do Império” – descobre “o *comum* que lhe permite comunicar e agir em conjunto” pela “transformação do mundo” (HARDT, NEGRI, 2004, p. 7; 401). Destaca-se que para os negristas essa relação não sofre as interferências da dialética cujo poder “foi definitivamente anulado” (HARDT, NEGRI, 2000, p.487).

Na era da mundialização, o Império pós-moderno “estende em escala planetária sua rede de hierarquias e de divisões, cuja função é de manter a ordem através de novos mecanismos de controle e de conflito incessante” (idem, 2004, p. 7), subsumindo a multidão de pobres empregados em trabalhos materiais e imateriais e desempregados a esse processo, bem como ao modelo “republicano” de democracia.

Antagonicamente e ao mesmo tempo, compreendido que essa relação “é um contraste que não acaba de se produzir, um conflito que se dá continuamente” (NEGRI, 2010, p. 43), esta multidão multicolorida de pobres (que constitui a própria imagem invertida desse Império) já resiste com a proposição altermundialista “de criar uma sociedade alternativa” (HARDT, NEGRI, 2004, p. 351), à “subsunção real da sociedade”, do “comunismo do capital” (NEGRI, 2010, p. 36; 76) em nome do projeto do *comum*, de “desenvolvimento de uma verdadeira democracia revolucionária das lutas” pela força subversiva do *amor* e da *imaginação* (ibidem, p. 25; 78 et seq.). Deste modo, a ideia de multidão negrista cai num “relativismo histórico destruidor”, o qual precisamente é “excluído pelo excedente presente nas categorias, um excedente que provém em parte de arquétipos eles próprios ricos em excedentes e que impedem as categorias de murçarem num sistema frágil, desencarnado e esquelético, digno de um pensamento rígido por falta de imaginação.” (BLOCH, 1981, p. 154).

Das inúmeras metáforas lançadas pelos negristas para tentar explicar a estrutura contemporânea do *biopoder* e da resistência dos *pobres*, concebe-se o esquema figurável abaixo que reifica tanto a dinâmica contemporânea do capitalismo em

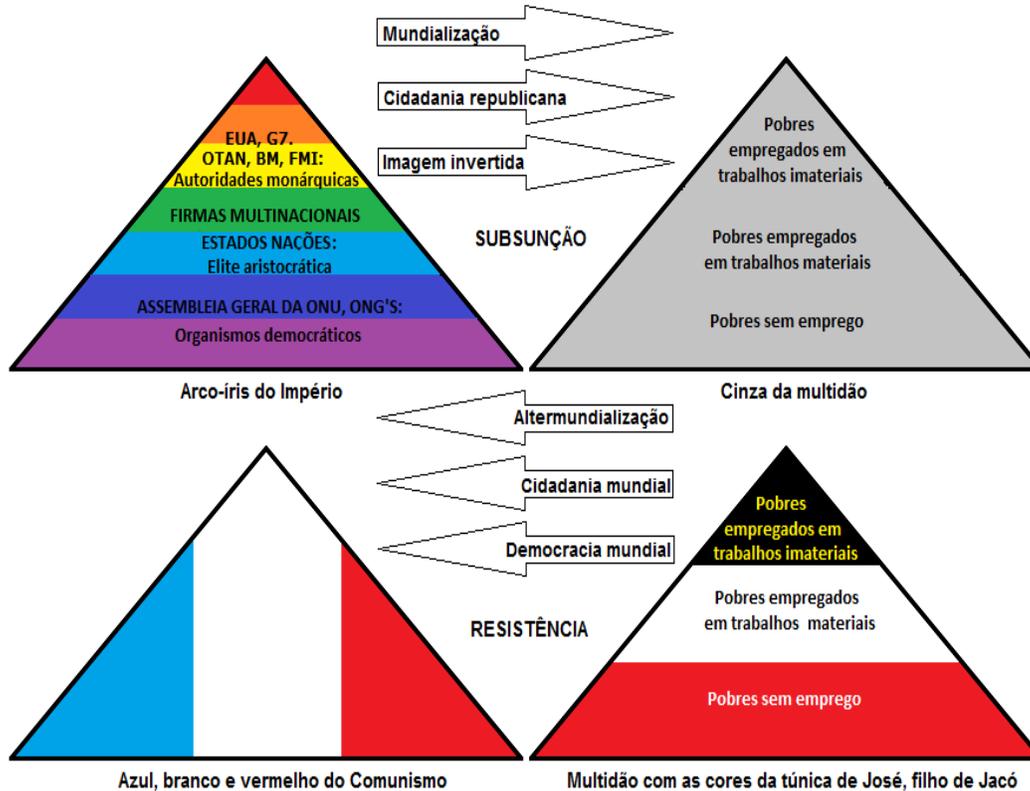


crise, quanto a condição da subjetividade revolucionária. Trata-se de uma concepção estruturalista de uma figuração abstrata que veicula sem dúvida vestígios de conteúdo, mas somente por meio do recurso a elementos típicos de uma antinomia que traz a marca do choque de civilizações.

Deste modo, as figuras do Império e da Multidão tornaram-se o arquétipo da subjetividade revolucionária pós-moderna, conforme a figura 4, abaixo. Esta abordagem estruturalista “permanece, quanto a ela, incontestavelmente prisioneira de um recurso arcaizante, em razão de sua insistência sobre a permanência de uma forma de presença que fica voltada para o passado.” (BLOCH, 1981, p. 152). Além disso,

do mesmo modo que os arquétipos não têm a sua sorte ligada ao destino do arcaico, as *categorias* não são mais do que eles ligadas à época de seu nascimento e de sua validade, isto é, redutíveis a períodos de maneira tal que cada uma dessas épocas teria sua própria doutrina das categorias. Ao contrário, percebe-se justamente sua validade persistir e avançar na história, trazendo-lhe seu concurso e seu testemunho [...] (ibidem, p. 153).

Figura 4 – Figuração especulativa negrista da subjetividade revolucionária



Fonte: Farias, 2005; Teixeira, 2011.

Embora traga elementos novos, trata-se de uma utilização passadista de estruturas arcaicas que se perpetuam inalteravelmente “em tipos originários persistentes que a história se contente de travestir [...]” (BLOCH, 1981, p. 151).

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na era pós-moderna, os movimentos altermundialistas veem-se diante da necessidade de uma atualização da subjetividade revolucionária. Como vista acima, para o altermundialismo pós-marxista, está-se indubitavelmente diante da práxis revolucionária da multidão que, na era do Império, resiste pela antecipação de um comunismo, paradoxalmente fixado como figura imóvel no quadro passadista da democracia burguesa formal. Para o altermundialismo marxista, a atualização dialética da subjetividade revolucionária passa por figurações processuais que vão para além desta democracia



como arquétipo universal, num processo de democratização socialista, “representando heranças” que “não permanecem vinculadas ao primeiro momento de sua formulação, a um contexto que era quase sempre mítico. Em vez disso, atravessam a história vendo constantemente mudar sua função e podem até mesmo experimentar aí um novo nascimento [...]” (ibidem, p. 152).

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- BLOCH, Ernst. **Experimentum Mundi**. Paris: Payot, 1981.
- FARIAS, Flávio Bezerra de. **L'État et le processus de socialisation capitaliste au Brésil**. 1988. Tese (Doutorado de Estado) – Universidade Paris-Nord (Paris XIII), Villetaneuse, 1988.
- \_\_\_\_\_. **O modo estatal global**. São Paulo: Xamã, 2013a.
- \_\_\_\_\_. **O imperialismo global**. São Paulo: Cortez, 2013b.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Empire**. Paris: Exils Éditeur, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Multitude: guerre et démocratie à l'âge de l'Empire**. Paris: La Découverte, 2004.
- JAMESON, Fredric. **As sementes do tempo**. São Paulo: Ática, 1997.
- LUKÁCS, Georges. **Prolégomènes à l'ontologie de l'être social**. Paris: Éditions Delga, 2009.
- MARX, Karl. **Le capital**. Paris: Éditions Sociales, 1976. 3 v.
- \_\_\_\_\_. **Para a crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- NEGRI, Antonio. **Spinoza et nous**. Paris: Galilée, 2010.
- \_\_\_\_\_. **L'anomalie sauvage**. Paris: PUF, 1982.
- SPINOZA, Baruch de. **Traité politique / Lettres**. Paris: GF Flammarion, 2007.
- TEIXEIRA, Juliana Carvalho Miranda. **La genèse et la puissance de la multitude: pour la critique de l'altermondialisme chez Negri**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Paris X, Nanterre, 2011.